



A imigração mexicana na Califórnia nas páginas de um livro-reportagem: uma valorização do conteúdo a partir do suporte jornalístico¹

Christian Miguel da Silva²

Irvana Chemin Branco³

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Paraná, Brasil

Resumo

Considerando a importância do fenômeno migratório que envolve o México e os Estados Unidos, este trabalho parte do pressuposto de que o tema pode servir como pauta para uma peça jornalística. A partir dessa visão, defende-se o enquadramento do assunto nos moldes do livro-reportagem. Trata-se de uma defesa do livro como suporte que abre as possibilidades de aprofundar a prática da apuração em um exercício de reportagem em profundidade. Nesse contexto, conceitos que abordam os processos de globalização e multiculturalidade são relacionados com a prática jornalística internacional e literária.

Palavras-chave

Jornalismo; Livro-reportagem; Imigração; México; Estados Unidos.

Corpo do trabalho

Diante da crescente mobilidade de grupos de pessoas em âmbito internacional, o tratamento jornalístico voltado ao tema da imigração mexicana nos Estados Unidos, especificamente no estado da Califórnia, sob a perspectiva do livro-reportagem, é uma defesa metodológica em cujos argumentos se destaca a tentativa de entender esse fenômeno sob uma perspectiva mais abrangente. Como objeto de estudo, a atenção é voltada ao dia-a-dia da comunidade mexicana em seis cidades da região do Vale Central californiano – Arnold, Madera, Modesto, Turlock, Oakdale e Ceres – a fim de identificar alguns traços culturais mantidos pelos imigrantes, como as marcas genuínas que se enfraqueceram com o tempo e as apropriações a que esses atores sociais são submetidos uma vez que já não vivem em seus países de origem. As cidades escolhidas estão localizadas nos condados de Calaveras, Madera e Stanislaus. Os três condados,

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Acadêmico da quarta série do curso de Comunicação Social – Jornalismo da UEPG; e-mail: christian_detoni@hotmail.com

³ Professora do Departamento de Comunicação da UEPG; e-mail: irvanachemin@yahoo.com.br



juntos, possuem uma população de 610.660 pessoas, segundo Censo de 2000 registrado pelo jornal *The New York Times*⁴. Desse total, 107.500 são nascidos em outros países, ou seja, mais de 17% da população dos três condados é formada por migrantes.

Inserida em um contexto de globalização, movimento que, na defesa de Octávio Ianni (1999) “envolve o local, o nacional, o regional e o mundial (...), compreende simultaneamente colonialismo e imperialismo, interdependência e dependência”, a comunicação voltada ao foco internacional apresenta vários desafios. Um deles é o de se fazer entender, através de um de seus braços, o jornalismo, realidades cujos desdobramentos remetem a tempos antigos. Como bem se sabe, o jornalismo é responsável por fazer compreender temas de proporções diversas e origens múltiplas, muitas vezes alheias à própria realidade do consumidor da notícia, tal como ressalta Alsina:

Los antropólogos suelen escribir pensando en otros especialistas no necesariamente de su propia cultura, mientras que el periodista tiene una audiencia que necesita comprender, de acuerdo con sus propios marcos de referencia, lo que acontece en contextos muy distantes y distintos. Cuando reciben el material informativo, los medios de comunicación para hacer los acontecimientos comprensibles los adaptan a los patrones culturales de su audiencia. A pesar de que pueden existir distintas comunidades interpretativas en una cultura, los medios suelen aproximarse a la interpretación hegemónica o, al menos, fácilmente consensuable (ALSINA, 2006, p. 39)

Desde o aperfeiçoamento da impressão, a partir do linotipo de Gutenberg, passando pelo desenvolvimento do telégrafo, entre os séculos XVIII e XIX, até chegar ao advento do rádio e da televisão, que atingiram seu auge no século XX, o sistema de transmissão de notícias tem se tornado cada vez mais apurado e dinâmico. Com a gradativa popularização da internet, esse fluxo de informações atinge níveis incomensuráveis, a ponto de reconfigurar a forma como as pessoas consomem as notícias. É inegável que, atualmente, o consumidor tem certa facilidade para encontrar a informação, até porque ela está disponível em diferentes formatos. Por outro lado, é notório que o tratamento dos fatos se adéqua ao tempo escasso que se dispõe para consumir informação. É dessa realidade que submergem cada vez mais produtos jornalísticos para serem consumidos em tempo curto ou adaptável: é a revista que aborda os principais fatos da semana em poucas linhas; é a internet agregada ao celular que permite acesso em qualquer hora e local. Paralelamente a esse fenômeno, por outro

⁴ Disponível em <http://www.nytimes.com/interactive/2009/03/10/us/20090310-immigration-explorer.html>. Acesso em março de 2009.



lado, cresce cada vez mais a demanda editorial de um formato que se dedica, justamente, a aprofundar temas discutidos pelo noticiário periódico. Trata-se do livro-reportagem, obra não-ficcional que se aproveita das lacunas que restam no tratamento de determinado assunto e aprofunda-se nos detalhes, causas, efeitos e porquês do tema. De acordo com Eduardo Belo (2006), alguns aspectos da história recente do Brasil influenciaram um aumento significativo na produção e publicação de livros-reportagem nos últimos anos:

A ampliação do mercado de livros-reportagem no Brasil coincide em parte com o crescimento de todo o setor editorial, nos anos 1980. Além da crise específica dos veículos impressos, a produção jornalística literária foi influenciada diretamente pela abertura política e fim do regime militar e pela profunda instabilidade pela qual passou a economia brasileira antes que o Plano Real pusesse alguma ordem na casa, em 1994. (BELO, 2006, p. 53)

Vale destacar, a proposta de um olhar jornalístico, nesse caso, deve ser executada segundo critérios aprofundados de apuração. Reconhecido pela função de dar visibilidade a temas que não sairiam à luz de outras maneiras, o jornalismo pode ser útil, a partir de suas ferramentas, para contribuir com a compreensão de um dos aspectos mais importantes que é acelerado pelo processo de globalização. Se por um lado reconhece-se a importância desse retrato para o melhor entendimento da questão, por outro, é necessário estar atento para não cair na simplificação criticada por Antolín Granados Martínez:

Las distintas investigaciones realizadas al día de hoy (Bañón, 1996, 200; Casero, 2006; Checa y Escobar, 1996; Fernández Lagunilla, 1994; Granados, 1998, 2001, 2002, 2004; Muñoz e Igartúa, 2004; Santamaría, 2002; Villatoro, 2002) muestran que los medios de comunicación en general, y la prensa en particular, desempeñan un papel central en la reproducción de un discurso sobre los inmigrantes centrado en resaltar los problemas que causan en la sociedad de acogida o las dificultades que encuentran para su aceptación. No es arriesgado suponer que la manera en que el lector interpreta y evalúa las noticias sobre inmigrantes que le proporciona la prensa, por ejemplo, mantiene una fuerte relación de dependencia con el contenido y, sobretodo con la forma en que les son presentados configurando una imagen simplificada y, por ello, negativa y estereotipada de los inmigrantes extranjeros. (MARTÍNEZ, 2006, p. 60)



De acordo com Zapata-Barrero (2004), todo e qualquer movimento migratório, em sua essência, é um dos fenômenos que materializa o processo de multiculturalidade. Segundo ele, esse processo se aproxima da globalização por não poder ser detido. Deve, isso sim, ser gerido de maneira correta, a fim de que não fira os ideais democráticos. Diz Zapata-Barrero (2004, p. 10) sobre o tema: *“entenderemos las migraciones internacionales como un proceso de multiculturalidad. Así, la gestión de la inmigración se convierte en gestión de nuevos contextos que resultan de la multiculturalidad”*. Para este autor, o movimento migratório pode ser abordado sob duas perspectivas diferentes. Na primeira, ele é tomado como um fato natural, previsível. Nesse caso, a migração não propõe novos questionamentos, senão os tradicionais “quem, por que e para onde migrar”. Já no segundo enfoque, um raciocínio histórico admite que as migrações contemporâneas e possuam um diferencial, pois fazem parte de um momento em que as relações humanas e internacionais são mais complexas que outrora.

É quase consenso na comunidade científica internacional que o homem com as características biológicas atuais surgiu há cerca de 150 mil anos na África. Há apenas 70 mil anos, no entanto, o ser humano se aventurou pela primeira vez fora do continente africano, estabelecendo-se no Oriente Médio. A partir daí, povoou a China, há 60 mil anos; a Europa, há 40 mil; e estima-se que entre 30 e 15 mil anos atrás os primeiros humanos cruzaram o Estreito de Bering rumo à América⁵. Desses movimentos migratórios, pode-se tirar uma conclusão muito genérica, mas que se mostra reveladora: o homem, por natureza, resiste à estabilidade e, como se percebe no decorrer da história, estabelece um constante vaivém em busca de uma vida melhor. Obviamente, os motivos pelos quais o homem saiu da África em seus primórdios estão diretamente ligados aos ideais de sobrevivência da espécie, da busca por alimentos, ou seja, do suprimento das necessidades básicas. Na medida em que o homem evoluiu, suas necessidades foram se tornando cada vez mais apuradas. Com o aperfeiçoamento da agricultura, por exemplo, os grupos foram buscando locais com terras férteis, e assim surgiu uma das sociedades mais evoluídas, a egípcia, em torno do Rio Nilo. É longa a caminhada do ser humano até a chegada aos primeiros séculos depois de Cristo. E há pouquíssimo tempo, sob o ponto de vista histórico, verifica-se que a mudança de grupos

⁵ Pesquisa citada pela revista Veja em sua versão on-line disponível através do endereço http://scotty.ffclrp.usp.br/periodicos/veja/A%20humanidade%20passo%20a%20passo_files/p_112.html. Acesso em março de 2009.



com nacionalidades definidas para outras nações em busca de uma vida melhor tornou-se uma preocupação política, econômica e social.

Não há como negar que é o movimento migratório é um dos fenômenos sociais de maior impacto dentro das sociedades contemporâneas. Em 2005, 190 milhões de pessoas, cerca de 3% da população mundial, viviam fora de seus países de origem, segundo o jornal *The New York Times*⁶. Sobre essa realidade, Zapata-Barrero (2004, p. 94) afirma que as migrações têm relação direta com o processo de globalização e podem ser entendidas a partir da ótica dos direitos humanos e da justiça distributiva global:

Esos mismos movimientos [os de multiculturalidade, quando a globalização é entendida apenas na esfera econômica e não na de justiça global] son los que perciben tan sólo los beneficios netos de la globalización económica. Ésta es la estampa de una cierta hipocresía política, pero también de una cierta irresponsabilidad social. Nos queremos beneficiar de la globalización económica, pero no queremos gestionar uno de sus efectos, el proceso de multiculturalidad. Todavía no asumimos que ambos procesos son dos caras de una misma moneda. Ambos procesos no son diferentes, sino que están muy ligados (...) Lo que debemos asumir es, pues, que el proceso de globalización es un proceso de multiculturalidad y que uno de sus efectos es el movimiento creciente de personas de países pobres a nuestros Estados ricos. Uno de los indicadores de la globalización más visibles es el crecimiento de la circulación de personas entre fronteras. Este movimiento se debe en parte al proceso mismo de globalización, el cual no solamente supone circulación creciente de capitales y de bienes, sino de valores, de conocimiento, de elites intelectuales, de personal cualificado. Frente a este lado positivo (¿para quien?) de la globalización, también está su rostro más miserable, de circulación de inmigrantes forzados, con muy baja o nula cualificación (...) y con formas culturales muy diferentes a las nuestras (ZAPATA-BARRERO, 2004, p. 94 e p. 95)

Ainda na visão de Zapata-Barrero (2004 p. 99), a imigração é uma das faces em que a contemporaneidade se aproxima de ideais antigos, baseados em valores da Idade Média. Isso porque, de acordo com ele, “*en contraste con las demás propiedades, la ciudadanía se adquiere de forma involuntaria por el nacimiento*”. Se o ato de nascer em algum lugar específico independe da vontade do ser humano, torná-lo automaticamente cidadão de um país em que não terá boas condições de vida é, para este autor, uma maneira de submeter os indivíduos a padrões medievais de bonança, como o princípio do nascimento ou a herança. Mais: o autor propõe uma reflexão a respeito da diferença de tratamento na circulação de dinheiro e na circulação de pessoas.

⁶ Disponível em http://www.nytimes.com/ref/world/20070622_CAPEVERDE_GRAPHIC.html#



El trato diferenciado de personas en el momento de decidir ‘quien puede entrar’ (la admisión selectiva) vulnera los derechos humanos em tanto que se discrimina a las personas por razones que no dependen de su voluntad, sino de propiedades que sonde su nacimiento (ZAPATA-BARRERO, 2004, p. 98)

Para o aprofundamento desses e de outros pontos de vista, o retrato desse quadro através dos padrões jornalísticos pode representar uma contribuição importante para o desenvolvimento da comunicação social. O jornalismo, com suas diversas maneiras de retratar uma parcela da realidade, é capaz de oferecer um panorama bastante diverso dessas e de outras situações que envolvem grupos de pessoas deslocadas de seus países de origem. Através do produto jornalístico, pode-se ter uma demonstração do impacto desses grupos para a nação onde residem, seja ele favorável ou desfavorável.

Conforme cita Daphne Spain⁷ em artigo publicado na revista eletrônica da *U.S Information Service*, o final dos anos 90 e o início do século XXI têm se aproximado à realidade do início do século passado no que se refere à imigração em território estadunidense. De acordo com a autora, até 1910, mais de um milhão de estrangeiros chegavam ao país a cada ano, provenientes, em sua maioria, da Itália, Inglaterra, Rússia, Império Austro-Húngaro e Canadá. Depois de um hiato que durou pelo menos de 1915 a 1965 (explicado em grande parte pela Grande Depressão e pela legislação restritiva), o ritmo se restabeleceu até os anos 90, quando o índice anual de imigração voltou à casa do milhão de pessoas. O que diferencia um contexto do outro, para a autora, é a nacionalidade dos imigrantes, que agora vêm, principalmente, do México, das Filipinas, da Índia e da China.

Segundo William Frey⁸, em 2000, o censo americano revelou que três em cada dez residentes dos EUA não faz parte dos brancos de origem inglesa. Estima-se que 2006 tenha sido o ano em que os latinos tenham ultrapassado os negros em números absolutos. Para 2030, espera-se que um em cada quatro americanos seja de origem hispana ou asiática – as duas etnias cujos representantes estão no topo da lista dos que chegaram nos últimos anos. No ano de 1998, 27% da população dos EUA era formada por imigrantes sendo que as projeções para 2050 dão conta que essa porcentagem deverá estar próxima dos 50%, como publicado no estudo *Changing America*:

⁷ Em artigo disponível em <http://usinfo.state.gov/journals/itsv/0699/ijsp/ij069906.htm>

⁸ Em artigo disponível em <http://usinfo.state.gov/journals/itsv/0699/ijsp/ij069908.htm>



Indicators of Social and Economic Well-Being by Race and Hispanic Origin, de autoria do *Council of Economic Advisers for the President's Initiative on Race*⁹

De acordo com o estudo *Portrait of the USA*, no ano de sua publicação, em 1997, 27 milhões de residentes norte-americanos vinham de países de fala hispana. Os mexicanos representavam a metade desse total, tendo o país sustentado até os dias atuais a liderança em número de emigrantes enviados ao país vizinho do norte. Países caribenhos e da América do Sul completam os outros 50%. Ainda naquele ano, 36% da população hispânica vivia na Califórnia, sendo os estados de Nova York, Illinois, Texas e Flórida outros destinos bastante procurados, como completa o estudo, que ainda ressalva que as leis de imigração instituídas em 1965 e em 1986 contribuíram muito para a legalização de pessoas estrangeiras que habitavam os EUA. Segundo o Banco Interamericano de Desenvolvimento, o BID¹⁰, somente em 2005 os mexicanos que vivem nos EUA enviaram ao seu país de origem aproximadamente 20 bilhões de dólares em remessas, um crescimento de cerca de 3% com relação a 2004. Essa marca só é superada pela exportação do petróleo mexicano.

Na presente proposta, o tratamento do movimento migratório mexicano em direção aos Estados Unidos, especificamente à Califórnia, remete a uma série de motivos e desdobramentos. Já a partir da colonização feita de maneira diferenciada na América hispânica e na anglo-saxônica, é possível traçar alguns pontos que se refletirão no desenvolvimento dessa migração. A disputa política por território, travada no século XIX entre os dois países, a ascensão dos EUA como potência mundial após as grandes guerras e o mergulho do México em governos de conduta contestável são o pano de fundo para uma situação que se intensifica na segunda metade do século XX. A imigração é, hoje, um dos pontos mais importantes da agenda internacional da Casa Branca e do Palácio dos Pinos, tal como atesta Mary Garcia Castro (2001), quando relaciona as instâncias nacionais, sociais, civis, políticas e culturais:

A migração em muitos casos, a depender dos Estados envolvidos, é matéria básica de relações internacionais, ponto de barganha política e econômica, como por exemplo, no caso das relações entre EUA e México e EUA e Cuba. Mais do que as características dos migrantes, estariam na mesa de negociações, ou debaixo dessa, os interesses de Estado, nem sempre de cooperação, nem sempre relacionados com necessidades de grupos, pessoas em exclusões (...) De fato, não

⁹ Disponível em <http://usinfo.state.gov/journals/itsv/0699/ijsp/ij069904.htm>

¹⁰ Em texto disponível no endereço

<http://www.iadb.org/news/articledetail.cfm?artID=2881&language=PO&arttype=BP>

somente o volume de população migrante, mas principalmente interesses estratégicos, de distintas ordens, fazem o tema da migração ser parte da agenda de Estados, ou melhor, da relação entre Estados. E este é o tema que mais galvaniza a atenção no plano de análises macro referenciadas quanto a políticas. (GARCIA CASTRO, 2001, p. 19)

Em linhas gerais, conforme registra a autora americana Judith Adler Hellman (2008), a saída de grupos de mexicanos rumo aos EUA tem alguns marcos históricos importantes, que servem como referência. O primeiro deles é a Revolução Mexicana de 1910, marco histórico em que ascendem líderes populares como Francisco Madero, Francisco Villa e Emiliano Zapata. Com ideais anarco-socialistas, a Revolução foi responsável pela derrubada do governo do ditador Porfirio Diaz, que estava há mais de 30 anos no poder, e, posteriormente, permeou o imaginário popular e deu grande impulso aos conflitos locais pelo direito a terra. De acordo com Hellman (2008), 1,5 milhão de pessoas foram mortas durante a revolução. Nesse período, milhares de refugiados cruzaram a fronteira para trabalhar com a agricultura.

A partir da década de 40, precisamente em 1942, um programa de estímulo ao trabalho documentado e temporário foi instituído pelo governo do presidente democrata Franklin Delano Roosevelt (1933-1945) para suprir a necessidade de mão-de-obra no campo. Até 1964, ano que marcou o fim do chamado *Programa Bracero*, estima-se que nove milhões de mexicanos tenham ido trabalhar nos EUA. Muitos deles mantiveram fortes vínculos com seus empregadores e acabaram permanecendo no país, como destaca Hellman (2008).

Já no final da década de 80 e início dos anos 90, estimulados pela abertura dada pelo presidente republicano Ronald Reagan (1981-1989), que assinou em 1986 uma reforma migratória dando anistia aos ilegais que requeressem a documentação, uma nova onda de imigrantes cruzou a fronteira em busca de trabalho. Esse fluxo intenso também foi estimulado pela abertura ao livre comércio que se instalou em razão da criação do Nafta, o Tratado Norte-Americano de Livre Comércio entre México, Estados Unidos e Canadá.

Levando em consideração a relevância e as implicações dessa realidade, um retrato mais recente do papel dos imigrantes na sociedade norte-americana se mostra importante como um desafio que merece ser explorado pelo olhar jornalístico. Em se tratando de um tema de tamanha amplitude, como é o caso da imigração, que pode ser tratado sob pontos de vista tão distintos, a reportagem ganha corpo, forma, e se adéqua ao formato de livro. Com suas ferramentas estilísticas que permitem incursões mais



analíticas e a prática de elementos presentes na técnica literária, o livro-reportagem coloca-se como opção plausível para um tratamento adequado ao tema da imigração mexicana para a Califórnia. Um tema com tantas implicações poderia muito bem servir para uma pesquisa sociológica, antropológica ou até invadir os conhecimentos da psicologia. No entanto, é no campo do jornalismo que ele surge como uma possibilidade de exercício da reportagem em profundidade, através da qual podem ser explorados diferentes pontos de vista. Nessa linha de raciocínio, é perfeitamente defensável a proposta de um livro-reportagem para dar conta de um tema tão complexo. Para Edvaldo Pereira Lima,

é exatamente essa peculiaridade – de avançar as fronteiras do jornalismo para além dos limites convencionais que ele próprio se impõe – que transforma o livro-reportagem num produto cultural fascinante. Mais que simples repetidor de padrões e formas de praticar a comunicação jornalística com o público, esse veículo renova e dinamiza, principalmente quando trabalha com todo o seu arsenal de possibilidades, a grande reportagem (LIMA, 1993, p. 7 e 8)

Da mesma forma, pode-se destacar outro aspecto relevante da escolha do livro-reportagem como suporte. A abordagem da imigração na Califórnia se enquadra em uma esfera internacional, se relacionarmos o fenômeno ao olhar do leitor brasileiro. Essa proposta, portanto, pode ser tomada como uma tentativa de se desenvolver o jornalismo internacional. Na abordagem de Natali (2004), o leitor que se interessa por essa editoria quer algo mais. Ele tem critérios diferentes, mais críticos dos que o leitor comum:

Devemos nos lembrar que o leitor da editoria Internacional faz parte de um segmento minoritário e mais bem informado do leitorado. É um leitor que possui critérios menos provincianos e mais metropolitanos de interesse. Política internacional não é algo que nos interpele de maneira imediata (...) Em outras palavras, esse leitor tem um grau de exigência (...) que deve ser respeitado por meio da obediência a certos princípios como o pluralismo de fontes às quais damos a palavra (NATALI, 2004, p. 55)

A partir do que propõe Natali, corrobora-se a tese de que o exercício do livro-reportagem é, nesse caso, a melhor opção. Em se tratando de um tema tão complexo, dinâmico e plural, o livro-reportagem como suporte traz a possibilidade de melhor retrato ao se mostrar ideal para o exercício das técnicas do jornalismo literário. Segundo



Moacyr Scliar (2005, p. 16), “com efeito, desde o romanticismo, jornalismo e literatura têm andado sempre de mãos dadas. Começa a ser comum afirmar que em alguns artigos, reportagens ou crônicas publicadas na imprensa, encontra-se o melhor da prosa atual”. Na visão de Pena (2006), o jornalismo literário:

significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead* (...) e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos (PENA, 2006, p. 13)

O livro-reportagem é entendido aqui, portanto, como o caminho ideal para uma construção jornalística que valorize o histórico da imigração mexicana na Califórnia, através de suas vastas ferramentas estilísticas e textuais, e permita uma abordagem aprofundada e rica em detalhes. Na visão de Eduardo Belo (2006),

Uma reportagem pode ser descritiva e limitar-se a narrar os acontecimentos, ou pode ser analítica, quando, além de narrar, agrega informações paralelas e confere maior grau de contextualização da história. O livro também pode ser meramente narrativo, mas presta-se melhor à informação contextualizada, enriquecida com dados e interpretações do autor ou de fontes de informação (...) Se o livro tem sido o veículo ideal para ocupar os espaços deixados pela mídia institucional, não há como falar nele sem mencionar o jornalismo interpretativo. (BELO, 2006, p.46)

Partindo desse pressuposto, em uma perspectiva generalista, uma proposta de retrato da temática a partir dos padrões jornalísticos oferece a possibilidade de valorizar o processo histórico em decorrência do qual emerge o processo migratório. Alsina retrata de forma exemplar o compromisso dos meios de comunicação ao dizer que

En una sociedad democrática y plural se produce una agonística discursiva en la que los medios de comunicación tienen un papel muy importante. Los medios de comunicación actúan sobre la disponibilidad de las representaciones sociales, utilizando determinadas representaciones que potencian la adhesión de las personas a las mismas. Los medios de comunicación plasman, y al mismo tiempo alimentan, las imágenes de alteridad existentes en la sociedad. Los medios de comunicación establecen unas fronteras que marcan los límites entre el *nosotros* y los *otros*. Es decir, llevan a cabo procesos de construcción identitaria (ALSINA, 2006, p. 41 apud. RODRIGO, 2000)



Mais do que reconhecer esse papel dos meios, o exercício do jornalismo nesse caso significa dar a conhecer ao público brasileiro que se interessa pelas notícias de âmbito internacional uma seqüência de fatos que se reflete na história, na cultura e na economia de dois países importantes no cenário internacional. Mais do que o simples registro, a opção pelo livro-reportagem garante um retrato ampliado, diversificado e rico em detalhes. Se o que se propõe é lançar luz a um tema de modo a tentar esgotá-lo através de apuração e histórias de vida, é nas páginas de um livro-reportagem que esse registro encontrará um suporte que o viabilize.

Referências bibliográficas

ALSINA, Miguel Rodrigo. El Periodismo ante el reto de la inmigración *in* Medios de Comunicación e inmigración. Murcia: Obras Sociales, 2006.

BELO, Eduardo. Livro-reportagem, São Paulo: Contexto, 2006.

BID – Bando Interamericano de Desenvolvimento. Disponível em <http://www.iadb.org/news/articledetail.cfm?artID=2881&language=PO&arttype=BP>. Acesso em setembro de 2008.

CNPD, Comissão Nacional de População e Desenvolvimento. Migrações Internacionais – Contribuições para Políticas. Coordenadora Mary Garcia Castro. Brasília: CNPD, 2001.

FOLHA Online. Hispânicos representam 18 milhões de votos na eleição americana. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u369431.shtml>. Acesso em setembro de 2008.

HELLMAN, Judith Adler. The World of Mexican Migrants – The Rock and The Hard Place. New York: The New Press, 2008.

IANNI, Octavio. Nacionalismo, regionalismo e globalismo, *in* Globalização e regionalismo das comunicações / org. Cesar Bolaño. São Paulo: EDUC, 1999.

LIMA, Edvaldo Pereira. Páginas Ampliadas. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.

LIMA, Edvaldo Pereira. O que é livro-reportagem? São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.

NATALI, João Batista. Jornalismo Internacional. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

PENA, Felipe. Jornalismo Literário. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

SCLIAR, Moacyr. Jornalismo e literatura: a fértil convivência *in* CASTRO, Gustavo de; e GALENO, Alex (org.). Jornalismo e literatura, a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras, 2005.



ZAPATA-BARRERO, Ricard. Multiculturalidad e inmigración. Madrid: Editorial Síntesis, 2004.

REVISTA Eletrônica da Agência de Divulgação dos Estados Unidos. Artigos do volume 4, número 2, de junho de 1999. Disponíveis em:

<http://usinfo.state.gov/journals/itsv/0699/ijsp/ij069906.htm>

<http://usinfo.state.gov/journals/itsv/0699/ijsp/ij069908.htm>

<http://usinfo.state.gov/journals/itsv/0699/ijsp/ij069904.htm>

Acessos em setembro de 2008

THE NEW YORK TIMES. Infográfico disponível em
<http://www.nytimes.com/interactive/2009/03/10/us/20090310-immigration-explorer.html>.

Acesso em março de 2009.

THE NEW YORK TIMES. Infográfico disponível em
http://www.nytimes.com/ref/world/20070622_CAPEVERDE_GRAPHIC.html#. Acesso em

março de 2009.

VEJA ON-LINE. Disponível em
http://scotty.ffclrp.usp.br/periodicos/veja/A%20humanidade%20passo%20a%20passo_files/p_112.html. Acesso em abril de 2009.